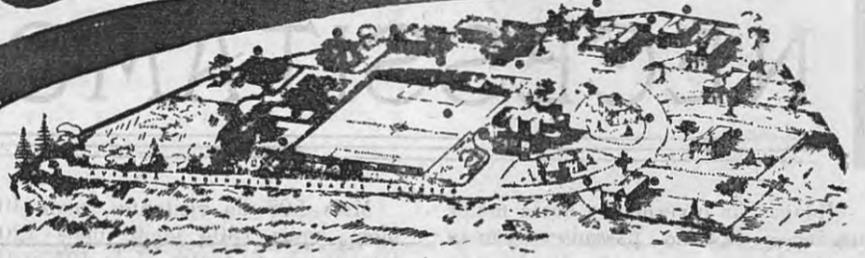




# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO ADMINISTRAÇÃO E PROPRIET.º

Casa do Gaiato do Pôrto  
PACO DE SOUSA

Director e Editor

PADRE AMÉRICO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tip. da Casa Nun'Alvares  
R. SANTA CATARINA, 628—PORTO

**E**M um destes últimos dias, veio dar à nossa porta um rapaz abandonado, de 15 anos de idade. Vinha soberanamente andrajoso. Trazia 12 tostões de esmolas. Pediu de comer.

Tinha estado de vespera e fôra-se embora à noitinha por não haver sido escutado, tendo dormido debaixo das estrelas, como ao depois confessara. Havia no semblante do nosso rapaz, sinal de quem estava afeito à vida de comunidade: — *eu já andei num colégio*, disse.

Subimos a escadaria. Mandei sentar. Quiz saber. Entrara aos 9 anos para um asilo, orfão de mãe. Entrementes perde o pai. Aos 14, é despedido por virtude dos estatutos.

Vaguiou sosinho nas ruas do Pôrto, sem asas para voar. Procura o seu elemento; — família, amigos, lareira. Ninguém!

E' um exposto sem medalha. Madrasta, fôra a letra da regra; madrasta a lei do mundo que o ignora. Estrangeiro na Pátria, em demanda do que é seu!! Oh mundo, acorda que já é tempo!!

Ficou em nossa casa. Chamou-se o roupeiro que o vestiu, mai-lo cozinheiro que lhe deu de comer. E' o mais nobre programa que no mundo se conhece: dar de comer a quem tem fome e vestir os nus. E' a matéria certa do tribunal de contas, quando o justo juiz as vier tomar a cada mortal!

O pequenino condenado ao despreso, agora no que é seu, parece outro. Era o tempo das colheitas. Dezenas dos nossos, passam para os celeiros com feixes de abundancia, a riscar o espaço com gestos de alegria.

Ele olha, sorri, quere ser camarada. «Nós tinhamos uma quinta mas não era assim; eram creados».

Entrou no regimento. Formou na linha dos trabalhos. Começa a achar gosto.

— Ah! nós lá não era isto.

— Então que fazias tu?

— Nós tinhamos aula e iamos ós enterros!

Isto não constitui revelação do ex-asilado, nem novidade que se conte. São coisas sabidas de todos e tacitamente aprovadas por todos. E' uma doença nacional; um fungo que penetrou nos moldes da nossa assistência, dela passou aos assistidos (nós vamos ós enterros) e contaminou toda a gente.

Nos tempos em que a *Obra da Rua* era caótica, costumava eu conduzir grupos de garotos das ruas de Coimbra e acampar nas cercanias, onde houvesse muito sol e resina de pinheiros. De uma vez, calhou assentar arraial nas proximidades do cemitério da aldeia. Havia enterros. *Viva a vida*, berrava um deles, de longe. Os rapazes quere viver.

O conhecimento da morte; a meditação da morte; o dever do funeral — são coisas para nós. Eles quere a vida.

O nosso Marcolino morreu-nos no hospital de Coimbra, de uma operação urgente. Eu apareci e exclamei: *ai que ele vai-se embora!*

## A B E M

DA

## NAÇÃO

O rapaz levanta-se na cama — *sim, quero-me ir embora!*

Já tinha as extremidades geladas; a vida estava por um fio, e o meu filho Marcolino quere-se ir embora!

Oh! como eu fiquei triste quando ouvi da boca do nosso abandonado aquele — *nós iamos ós enterros*. E o quadro ficou muito mais denegrido, quando o engeitado acrescentou: — *era pra ganharmos dinheiro prá casa!*

Não teria merecimento nenhum o que se diz das Casas do Gaiato, se a Obra não falasse por si mesmo; palavras leva-as o vento.

Ela, a Obra da Rua, há-de necessariamente abrir brecha, a seu tempo. A Assistência Nacional aos filhos das ervas, há-de fatalmente considerar o mal que faz em trazer os seus protegidos pelos cemitérios e manda-los depois embora, precisamente na ocasião em que eles mais necessitam de amparo.

Há-de ver-se quam nocivo não é à economia social, o perder-se em pouco tempo o esforço de longos anos, só porque se manda para a rua sem armas de defesa, quem não as tem suas, nem tão pouco saberia usa-las, se as tivesse. A sociedade tem de tomar os filhos da rua como seus e acompanhá-los até ao lar que eles venham a constituir. Isto é precisamente o que se espera das Obras da especialidade. E' um encargo nosso; de cada um de nós.

Não podemos ir chamar créditos nem valores estrangeiros. Deixá-los a meio caminho, é incorrer na censura do Evangelho: — *começou a construir e não soube acabar!* A coroa das obras está no fim.

Não se aloja de maneira nenhuma no meu pensamento o acto de mandar embora os gaiatos aos tantos anos de idade. Não tenho lugar para este conceito. Repugna-me absolutamente. Ele é contra a natureza. A galinha só pica nos pintinhos quando os *sabe* aptos para a vida; nunca os passa a outras galinhas. Quem viu já mais um pai marcar idade e limite de residencia aos seus filhos? A assistência que vem do decreto ou do estatuto, é por isso mesmo incompleta.

Havemos de ir às fontes; à origem; à primeira célula que apareceu na terra — a Família.

A lareira é uma Universidade.

Pretendes destruir ou substituir a família? Comprometes a sociedade.

Por algo o Filho do Homem quiz chamar pai a José, o carpinteiro, e mãe a Maria de Nazaré. Quantos pequeninos das nossas casas, que não sabem quem são nem de onde vieram, exclamam às vezes de braços abertos: *eu quero a minha mãe!*

A água corre para os rios e estes para o mar; é a ordem eterna das coisas.

*Até que idade estão eles aqui?* Eis a pergunta sacramental dos visitantes; o mote da santa rotine! Basta a cada dia os trabalhos do dia. Essas dores ainda não chegaram. Em vez de ir ao encontro delas, acho muito mais acertado esperar e ir ganhando energias para as sofrer quando vierem. Faço muita coisa de noite, com os olhos fechados.

A's vezes, àquela hora, vem um agulhão dizer que dentro em breves anos, temos Rapazes na casa dos dezanove! Faço então um acto de confiança na Humanidade, e espero. Na humanidade maiúscula, que Jesus vivificou! Dependo dela, por Ele. Dependo de governantes e de governados para a cimalha da obra. Se eu tivesse razões intimas para supor que havia de ser forçado a mandar embora os meus Rapazes aos tantos anos de idade, despedia hoje os operários, entregava tudo, pedia ao meu Superior uma paróquia e fechava a porta. Mas não.

Colónias! Guiné, Loanda. Terras de trabalhadores portugueses. Os três reinos da natureza à espera de quem vá.

A posse das terras não é marcada pelas linhas de mapas, senão que pelo sangue e suor de quem as trabalha. Meia duzia de famílias robustas de corpo e alma, seriam os primeiros colonos. Depois outras, e mais. Leis de protecção ao trabalhador. Tarifas. Pautas. Adiantamentos. Consciencia, a pior tarefa, seria a das Casas do Gaiato.

Dizem que temos um grande saldo fisiológico. Peço desculpa de tratar assim as almas, como se fosse mercadoria, mas é assim mesmo que eu oiço dizer aos jornalistas. Ora diz-se para aí que *O Gaiato* é um dos primeiros jornais e eu o maior jornalista. Até fiquei muito admirado, quando o célebre Congresso da Imprensa Católica de Braga não fez suas aquelas afirmações!

Seja, porém, como fôr, temos cá o saldo. Este saldo, vem em grande parte de gente pobre e de gente miserável. Os ricos, em regra, usam de mais cautela... Os filhos das trevas são muito prudentes. Vindo da pobreza e da miséria, dão mais tarde em filhos da rua e daqui nasce que a nossa riqueza torna-se em miséria social se nós todos não damos um jeito para que futuros indesejáveis da Pátria, venham a ser os desejados das nossas colónias — a bem da Nação.

# DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Roupas de inverno é a nossa maior urgência. O ano passado rapou-se muito frio neste casarão desabrigado e este, por não termos ainda as casas novas prontas a serem habitadas, vamos succeder na mesma, se não acodes ao nosso grito. Não é necessário que sejam roupas novas. A gente até prefere as usadas. São mais caseiras. Trazem mais carinho.

Também necessitamos de guardanapos. Quem deixa uma dúzia deles no Depósito? Cá lhe colocaremos a marca. A nossa marca é uma cruz.

Igualmente carecemos de pratos de esmalte branco para o nosso uso. O barro e a porcelana vão muito perto. Todos os dias há desastres e sarilhos. Deixa no 54 meia dúzia deles—br ncos.

Mais 50\$ de visitantes, mais 40\$ idem, mais 130\$ idem, mais 120\$ também de visitantes, mais 40\$ ainda de visitantes. Mais 100\$. Mais 40\$ da família do *Zé Ninguém*. Os nossos miúdos teem um grande entusiasmo por tudo quanto seja do *Zé Ninguém*. *Vi a mulher do Zé Ninguém em Pa-redes*.

Mais 50\$ de um visitante e 20\$ idem. Mais 50\$ em o Depósito, mais o mesmo nas ruas do Porto. Mais 500\$ de um visitante, 100\$ idem, 150\$ idem, 200\$ idem, 50\$ idem. Mais um par de rólãs para o Waldemar, mais 500\$ de um visitante, mais 200\$ idem. Mais 50\$ do Estoril. Mais 100\$ de visitantes e mais 60\$ e mais 20\$. Do mealheiro de quatro pequenos

de uma família que nos visitou 20\$, 5\$, 5\$, 5\$. Mais 50\$ de visitantes, mais 100\$, mais 50\$, mais 100\$, mais 20\$ — tudo visitantes sem cartão. Mais 100\$ para os nossos Pobres, também de um visitante. Mais 1 caixa de sardinhas de Matozinhos. Obrigado, amigo Martins. Mais roupas de Casaldêlo. Mais 20\$ nas ruas do Pôrto. Mais 20\$ para os nossos Pobres de O. de Azemeis. Mais 50\$ de um visitante, mais 50\$00 no átrio do Coliseu do Pôrto, mais 20\$00 para os nossos pobres de Anadia, mais 20\$00 de um visitante.

Mais na igreja dos Congregados 20\$. Mais no Depósito 50\$. Mais uma visita de uma senhora do Pôrto que viu tudo, perguntou tudo, interessou-se por tudo. Eu não estava. Disse-ram-me que era uma senhora muito simpática. Deve ser.

Trazia 4 frascos de seregumil—*ficaram da doença da minha filha*, e foram para a doença do nosso Constantino. Deixaram um envelope com duas notas de mil feitas ontem à noite. Não disse quem era. Os pequeninos das ruas são tamanhos, que levantam nas almas tempestades de nobreza. E mais nada.

## A nossa Capela

Já vai muito alta. Não há-de chegar nunca às estrelas. Nós não queremos uma torre de Babel. Antes não-de as estrelas descer até ela, pela sua humildade.

Dentro dos muros da nossa quinta a capela da «Aldeia dos Gaiatos» será a escola normal, onde o cisco das ruas vai encontrar o seu valor e a dignidade dos verdadeiros adoradores de Deus. A's avessas da poeira que se vê dentro das nossas igrejas, nas grandes babilónias.

No 54 dos Clérigos, entregou-se um pequenino, embrulho com prata e ouro para o nosso calice. *Envio estes objectos para ajudar a fazer o calice da capela da aldeia dos rapazes*. Eis a legenda. Dois pares de brincos. Uma medalha. Um anel. Um alfinete. Uma peça de D. Luiz, e uma pancada de objectos de prata.

Faziam os nossos Maiores capricho de moldar vasos para o culto, com o primeiro ouro das suas Descobertas.

Este jornal tem feito tantas descobertas! Algumas têm dado fé de si, mesmo ao ler as suas páginas de sangue.

## Esclarecimento

E' dlto por aí que O GAIATO tem muitos êrros de gramátlica e sobretudo de ortografia. Tem de ter. Eu fiz exame de prmelras letras mesmo na pontinha do derradelro quartel do século XIX. Durante muitos anos, ocupei-me a ver terras e gentes. A seguir, aninhei-me num convento, onde aprendi um todonada de latim. Quando me propunha ficar, os frades deram-me carta de marcha. Bati à porta do então Bispo do Porto. «Que não; já era velho e vinha do mundo». Fiquel no de Coimbra, onde os cônegos mal-los doutores da igreja me deixaram passar com pena dos meus anos. Ora aqui está a origem dos êrros conhecidos dos leitores e reconhecidos por mim. Que hei-de fazer agora?

Ele há já tantos anos que caminho por esta valeta, que não poderia mudar o curso. Burro velho...

ESTE NÚMERO DE  
"O GAIATO"  
FOI VISADO PELA  
COMISSÃO DE CENSURA

## Festas de aniversário

Não sei quem é. Tôdas as vezes que nós publicamos o nome dos nossos que fazem anos, ai vem pelo correio uma pasta de magnífico chocolate, embrulhado da mesma sorte, em papel da mesma côr, com letra do mesmo punho. E' uma tecla que dá sempre a mesma nota. Os nossos garotos do dia 2, foram luxuosamente contemplados. Tanta coisa que se retirou de dentro de preciosas caixas, por entre ais e uis de delírio—"ai que lindo!".

# Noticias Diversas

TEMOS dias de colher cincoenta melancias, de que os nossos fazem deliciosas merendas. Encontramos duas delas no melancial, fendidas. Alguém entrou pela fenda, comeu o miolo tapou e deixou ficar. Quem teria sido? O assunto da palestra da noite, naquele dia, foi o caso da melancia. Estavam todos. Denunciou-se o acontecimento.

Tenho muita pena, disse, de chamar à responsabilidade sômente os rapazes que trabalham no campo e de os obrigar a pagar em conjunto a falta que talvez haja sido de um só. Jam todos ficar sem merenda, até que se apresentasse o verdadeiro culpado. Continuei dissertando mansamente sobre a deslealdade terrível que não seria a daquele que, sabendo-se culpado, deixasse sofrer os irmãos, inocentemente. E acabei por dizer que esperava ver amanhã, no meu quarto o delinquente, sob o maior sigilo. Cai um grande silêncio no refeitório. Nota-se que o auditorio está magoado. Nós temos as mesas dispostas ao uso monástico; os garotos olham-se vis-a-vis. Eu estou no meio, à espera.

Sim; é muito difícil, disse, nem eu espero que o culpado se levante agora, mas amanhã quero ouvir um segredo de alguém.

Nisto, faz-se rumor em uma das mesas. Um pequenino levanta-se, passa pelo meio da comunidade inteira, e vem até junto de mim, afoitamente:—*fui eu!* Ontem, rodilha dos caminhos!

Não é de contar o delírio de todos; abraços, vivas, expansões da alma, tudo serve de aprovação à ruidosa nobreza do garoto. Tenho já tido exemplos de rapazes que, em casos semelhantes, vêem dizer suas culpas, a sós.

Rasgos destes, é o primeiro.

O *Chegadinho* é o inspector da limpeza dos dentes. Manhã cedo, está ele no seu posto, ao pé dos lavatórios, a ver que ninguém escape.

O Tiroliro, foi nomeado mestre de moral do João Maria da Murtosa, o *cigano*, como lhe chamam aqui, por ele ser muito moreno e muito feio. Pois bem. Esteve entre nós um amigo que trazia uma máquina fotográfica. Tiro-liro vai ter com ele, pressuroso:—*olhe; tire o retrato ao João Maria, que ele já não diz pragas!*

O Mestre deseja premiar o aluno;—*já não diz pragas*. O recém-chegado da Murtosa, acusado por todos por falar

muito mal diante de todos, foi levantado em comunidade no nosso refeitório, que também é tribunal:—*ele não tem culpa. Tê-la-á, se daqui a um mês disser as mesmas coisas, e tu mais, se de novo aprendes com ele o que tens tentado esquecer*. Isto é justiça para acusadores e acusado. Eles compreendem, aceitam, amam a vida. O mal-creado da Murtosa, ouve o Tiro-liro. Procura emendar-se. O Tiro-liro sente-se mestre, interessa-se pelo aluno;—*tire-lhe o retrato!* Ele é tão fácil fazer amigos dos que seriam amanhã nossos inimigos!

UM senhor que deu brinquedos aos vendedores do último número de «O Gaiato», armou grandes sarilhos na nossa casa, sem querer. Os carrinhos de mão, são muito toleráveis, mas o barulho das gaitas é de fugir! Eles vão e trocam-nas; *olhe aquele que me trocou a gaita!* E temos o barulho da disputa junto ao do buzinar das mesmas. O Tiro-liro, traz a dêle amarrada à cinta, por causa dos abusos.

A's vezes sucede que vai abrir a portaria a tocar! Ora eu já lhe tenho dito que no exercicio das suas funções, não deve brincar!

O nosso Constantino teve uma demorada e dolorosa febre intestinal. A menina Ema, a nossa costureira, foi retirada e substituída na rouparia, para se dedicar exclusivamente ao doente. Uma revelação! Aqui lhe deixo, publicamente, a minha admiração. Nós queremos bafo de mãe no leito dos nossos Doentes. As mães que eles tiveram ou têm, não lhes sabem dar carinho. Não que sejam más, mas não têm pão!

A fôrça da nossa Obra está tôda aqui: ler a história do pequenino doente, no próprio doente, à beira da cama. Isto basta para levantar a *Aldeia*.

O António Mortágua, que o *Periquito* trouxe da Granja, continua saudoso da vida que deixou. Quere ir. Não foge; pede que o levem. Pede aos visitantes, pede aos companheiros. Promete os olhos da cara a quem o levar ao sitio de onde veio. A argamassa divina da nossa obra, é estudar, compreender e amar êstes pequeninos em luta. Nós respeitamos soberanamente o feito de cada um, e orientamos consoante. Cada um deles é um mestre, que nos ensina a forma como o devemos conduzir.

Não temos um molde certo, antes nos moldamos às suas qualidades. Espere que o Mortágua se vença e fique.

COMEÇAMOS o pombal com cinco pombas, já são dezasseis! Os pequeninos serventes das obras trazem-nas de suas casas e oferecem-nas aos nossos! O Luciano e o Pepe têm sido os mais afortunados. De manhã, nota-se grande animação na nossa comunidade, com as pombas. Todos lhes querem dar de comer. Fazem tudo para acharem graça diante dos cozinheiros, e obter dêles punhados de arroz. O pior é o racionamento! Quem dera que não venham mais pombas.

Tínhamos um lindo e rústico beiral fora da porta da cozinha, de sabor monástico, onde fazíamos horas de descanso. Pois isto acabou. E' perigoso estar lá! Perigo das pombas; elas são muito malcriadas...!

VIERAM duas rolas de Oliveira de Azemeis para o Valdemar. O Carlos anda a fazer uma gaiola de cana, nas horas do recreio. Havia de ser o António um dos nossos carpinteiros, mas êle anda ocupado na construção de uma capela com o Luciano, o serralheiro. Sim; interessante capelinha que eles estão a levantar, com tudo quanto lhes diz respeito. E' intuição. E' vida. E' desejo de ser útil à sociedade. Oh! Pôrto; oh Pôrto capitalista, dá-me as oficinas! Como podes ser feliz no meio de desgraçados!

TIVE hoje de acudir a um grande sarilho. Foi o caso que o Amadeu outro carpinteiro, fêz uns trabalhos da sua arte na cozinha. O cozinheiro achou mal. O Amadeu chamou-lhe burro. O cozinheiro disse que burro era êle. Estavam já muito aquecidos quando eu cheguei; foram arrefecendo enquanto explicavam e no final deram a mão. Tudo quanto acaba em bem é bem.

FIZEMOS a nossa marmelada num grande tacho de cobre, em cima de uma trempe, na casa do forno. Nesse dia merendou-se dela; todos lamberam os dedos, os mais pequeninos lamberam o tacho e... disse. Agora é para as doenças.

O G  
—15 de O  
7  
9  
Z  
senté  
afaz  
por  
da  
trab  
regr  
sorte  
nhei  
vaca  
a b  
Que  
nino  
reci  
ocas  
os m  
A  
infe  
o le  
java  
Com  
mai  
caso  
nida  
A  
na p  
de  
um  
o no  
ses  
êles  
verd  
cong  
êles  
lado  
trab  
dest  
las  
funa  
dest  
um  
G  
que  
nais  
bado  
todo  
há n  
guer  
esfô  
das  
a a  
preç  
E  
vadi  
dent  
carn  
lein  
do  
dint  
quei  
men  
cons  
fora  
Hoj  
mai  
com  
E  
cia  
tóni  
pare  
O  
calo  
pedi  
pedi  
que  
Ant  
O  
Tiro  
ler  
Tem  
T  
cores. E  
prio, cor  
mostrar  
glorioso  
fez a ofe  
o nome  
foi o Lisl

Já vai muito alta. há-de, nunca estrelas. não que. Antes até ela,

nossa eia dos normal, encontrade dos Deus. se vê as, nas

egou-se m prata Envio a fazer eia dos is pares Im anel. D. Luiz, tos de

s capri- o culto, as Des-

tas deslo fé de páginas

S

antes nos. Espero e.

om cinco Os peque- m-nas de s nossos! os mais grande com as dar de em graça ter dêles racionam- ham mais

co beiral or monás- descanso. estar lá! uito mat-

veira de O Carlos cana, nas o António é ele anda a capela sim; inter- estão a s diz res- ezejo de rto; oh oficinas t e desgra-

nde sari- Amadeu alhos da ro achou o cozi- Estavam cheguei; plicavam quanto

## Nota da quinzena

**ZEMOS** em casa um pequenito de 10 anos, que sente enorme dificuldade em afazer-se à nossa vida. Morre por ir embora. Quere a vida da pedincha. Foi posto no trabalho do campo por ser, em regra, o que mais prende esta sorte de creanças. Os companheiros mostram-lhe as nossas vacas, as espigas, as pombas, a beleza. Nada o interessa. Quere regressar. E' um pequenino doente a quem se tem oferecido, por várias maneiras, a ocasião da cura, e êle repudia os meios de ser curado.

Anda irrequieto lacrimoso, infeliz. Pede aos visitantes que o levem. Esclarece: eu arranjava muito dinheiro o's tostões. Como o dêste miúdo, ainda que mais moderado, temos tido casos análogos na nossa comunidade.

A creança da rua, encontra na própria rua todos os meios de perversão. A pedincha é um dêles; o pior, porque tem o nosso concurso. Se tu soubesses das nefandas histórias que êles nos contam, quando são verdadeiramente nossos, por conquista de amor! Do uso que êles fazem dos tostões, acumulados! De quanto nós temos de trabalhar aqui em casa, até destruir o mal que essas esmolinhas lhes causam! Quam profunda não é a ruína da alma dêstes pequeninos, causada por um falso amor do semelhante!

Guerra à miséria, é a antífona que hoje se lavanta... nos jornais. E' tarde. Depois de roubados, trancas à porta. Se todos tivéssemos feito a tempo, há muito tempo, uma pequenina guerra à custa do próprio esforço, a bem dos nossos irmãos das ruas, não estaríamos todos a assistir a uma Guerra cujo preço é sangue!

Êles, os nossos pequeninos vadios de ontem, fazem aqui dentro guerra à miséria, eficazmente. São muitos os conselheiros que se reíñem à beira do António, o inconsolável pedinte, a dizer-lhe que não queira tornar a pedir. Os comentários são interessantes. Os conselhos, luminosos. Todos êles foram pedintes dos caminhos. Hoje, senhores de uma vida mais nobre, quereem que os companheiros também a gozem.

E' só por causa da influência dos camaradas, que o António ainda não fugiu, nem me parece que fuja.

O Tiro-Liro é um dos mais calorosos inimigos do vício de pedir. Eu cá já não tornava a pedir, grita êle nos comícios que a malta faz, à roda do Antonito.

## O TIRO LIRO

O Tiro-Liro anda todo brioso com um lenço bordado que lhe ofereceram. Tem Tiro-liro no meio de uma silva de cores. Ele põe-no em bico, no bolso próprio, com o Tiro-liro para fora. Tira para mostrar à gente e torna a colocar. Anda glorioso. Sucede que a rapariga que lhe fez a oferta, talvez da idade dele, bordou o nome às avessas. O primeiro a dar fé foi o Lisboa:—Olha o tiro-liro ó contrário!

# Oficinas

Continuo na dolorosa expectativa de ter notícias do homem de boa vontade que se proponha levantar a mão e dizer que sim, como já fizeram Outros, no caso da capela e da enfermaria.

As armas secretas que a gente usa para saber esperar sem desfalecer, essas não veem no alfabeto dos mortais; são contas de um rosário com que o mundo dificilmente atina. Aqui, nas regras de *O Gaiato*, confessamos a rial e actual dependência de gregos e de troianos.

As oficinas impõem-se como função e educativa e elemento necessário na formação do homem completo. Não olhamos para elas como fonte de economia, senão que como um lugar de prova de vocação. O rapaz é que ha-de escolher. Ele ha-de mostrar e não ha-de dizer a vida que deseja seguir. A vocação é um caso muito sério e muito difícil. Onde se encontra *The right man in the right place?*

E' muito raro. Anda para aí tudo com os sapatos trocados, a gemer dos calos, a atrancar caminhos; nem todo o pau serve para toda a colher! Ora eis a razão que me leva a insistir, a implorar as oficinas, meus senhores e minhas senhoras.

No caso desta fauna a quem totalmente dei, a facilidade na escolha de vocação, torna-se augustiosamente necessária. Estes pequenos são desventurados desde o ventre de suas mães, e ás vezes, já no próprio ventre! Trazem um segundo pecado original. Ora é necessário qualquer coisa que lhes desperte o amor ao trabalho, que os ajude à decisão. Uma oficina-brinquedo, que os espevite. Se eu não fizer obra bem feita dentro dos muros da nossa aldeia, por muito reclamar o auxílio a quem me escuta, posso dizer que a culpa não é tôda minha; tu também tens alguma.

## Pobres de Cristo

No dia 23 de Setembro fomos visitar os nossos pobres; eu, o Carlos Alberto e o Alfredo do Pôrto. Cada um tem o seu pobre. O meu é o de S. Lourenço, o do Carlos Alberto é o de Bairros, e o do Alfredo é o do lugar do Assento.

O de S. Lourenço ainda não recebeu os talheres nem a cama. O de Bairros também vai indo precisando de legumes para comer. O do lugar do Assento está cada vez pior, e parece não durar muito tempo, como já lhes disse. Já lhe demos o colchão mas era muito estreito porque a cama que êle tem é muito larga. Agora só quando formos ajuntando algum dinheiro é que lhe compramos outro. Até agora íamos depois da merenda mas por ser já tarde mudamos para mais cedo. Quando chegávamos a casa era já noite fechada. Um senhor do Pôrto mandou-nos 200\$00 escudos para socorrer os nossos pobres. Já compramos batatas e feijão e temos dinheiro para comprar mais coisas.

O Secretário,  
José Eduardo

Os nossos pequeninos visitantes do Pobre, armados de saca a tiracolo, levados pelos carroiros dos campos, são um terrível exército de soldados pacíficos. Eles conquistam a confiança dos pobres, conquistam a simpatia dos ricos, conquistam o amor de todos. São pequeninos servos de Deus a visitar pobres de Cristo. Alguns deles, já fizeram no jornal a sua autobiografia dizendo o que dantes foram. Agora consoladores dos que sofrem, dizem o que hoje são.

O Zé Eduardo recebeu, como diz na acta, uma esmola do Pôrto de 200\$00. Também mandaram uma de 300\$00 de Lisboa. E tu vais mandar agora consoante os ditames do coração. Que a mão esquerda não saiba o que a direita vai dar. Não bazines, que este lugar é santo!

# ASSINATURAS

O monte de assinantes cresce. «Eu leio o jornal de ponta a ponta» é a palavra de entrada.

A voz do abandonado a pedir clemência, é ouvida por todos. Não se pergunta nem se discute o preço. Quere «O Gaiato».

Espero que não venha a ser preciso senhas!

Teresa de Jesus Ferreira, de Famalicão 20\$00; Maria Ermelinda Regado, de Espoende 30\$00; Ilda dos Anjos Marques da Silva, do Souto da Branca 50\$00; P.º Fernando Ferraz, do Fundão 30\$00; Júlia dos Santos Ferreira Barata, do Góis 50\$00; Maria Fernanda Sarmento, dd Tôres Vedras 25\$00; Eng.º Eduardo da Fonseca, de Lisboa 20\$00; Guilhermina Augusta Rodrigues Alves Martins, do Pôrto 20\$00; Maria Emília Meinharca, de Vila Real 24\$00; Guida Rosad, de Cardigo 25\$00; Eugénio da Fonseca, do Pôrto 20\$00; Asilo Disirital de Leiria, 50\$00; Joaquim Lopes Ferreira de Oliveira de Frades, 20\$00; António Marques Cêdo do Pôrto, por um mês 10\$00; Marcelino Fernandes Povoa do Pôrto, por um mês 10\$00; Manuel da Silva Ferraz do Pôrto, por 1 mês 20\$00; Maria da Natividade da Silva Tavares de Cardigos, 20\$00; Adriano Simões Souto de Chão de Couce, 10\$00; Alfredo dos Santos, da mesma terra 10\$00; Padre Mannel Mendes Laranjeira da Fundada, 100\$00; Dr. João António dos Santos Sarraia de Sernache do Bonjardim, 20\$00; Fernando Van Zeller Guedes da Fox, 50\$00; Eufrásia Mexia da Costa Praça de Montemor-o-Novo, 100\$00; Eligiana Costa Praça Mexia de Lisboa, 100\$00; António Viegas Costa de Santa Comba Dão 30\$00; Manuel Maria Alves de Tábuas, 20\$00; João Gabriel H. Ferreira Mateus da Praia da Aguda, 40\$00; Adelino de Jesus Rodrigues de Antas, 30\$00; Américo Fernandes da Silva Quelhas da Maia, 50\$00; Rosa de Carvalho Pereira de Lisboa, para auxílio do jornal, 10\$00; Padre António Gomes de Almeida de Ferreiros, 30\$00; Maria Amélia Lopes Rezende de Oliveira de Azemeis 26\$50; Antero da Silva da mesma terra, 25\$00; João da Costa Fonseca de Oliveira de Azemeis, 24\$00; Dr. Albino Martins Fernandes de Oliveira de Azemeis, 20\$00; Felizarda de Almeida Faria de Montemor-o-Novo, 50\$00; Maria Gabriela Ferreira de O'bidos, 20\$00; Joaquim Alves Sallé de Bombarral, 25\$00; Dr. Abílio Francisco Gouveia de Vila de Rei, 30\$00; Maria Fernanda da Mota Cardoso de Ferreira do Zézere, 20\$00; Noémia do Nascimento do Pôrto, 20\$00; Aurora Pedroso de Lisboa por 3 números, 20\$00; José Berry da Silva Braziel de Lisboa, 20\$00; Judith Jacquet de Parêde, 30\$00; Aníbal Leopoldo de Magalhães do Pôrto, 50\$00; Albertina Sobral



Legionários da milícia das ruas, ei-los que se apresentam em busca do que é seu

## Pão dos Pobres

E' um livro do Padre Américo, que já vai no 3.º volume, alguns dos quais em 2.ª edição. Nêle se conta de como nasceram as Casas do Gaiato, de como nós deixamos cair o Pobre e de como Ele se lamenta.

Aquire hoje o livro. Vende-se nas Librarias do País

# PAGAS

de Coimbra, 20\$00; Maria José Pinto Amade de Coimbra, 50\$00; António Simões de Píñhal Novo, 20\$00; Arminda Leite dos Reis da Cova da Iria, 20\$00; P.º Daniel J. Tavares de Verride, 20\$00; Albertina Antunes dos Santos de Belas, 10\$00; Tenente Joaquim José Gomes Trindade de Lisboa, 30\$00; António Marques Fernandes de Lagares da Beira, 30\$00; Dr. Agostinho Marques Antunes de Lagares da Beira, 20\$00; Dr. Carlos Sacadura Botta Pinto de Maacarenhas de Lousã, 20\$00; Prof. Albino de Castro e Sousa de O'bidos, 25\$00; Germana da Silva Tôres de Matozinhos, 25\$00.

(Continua).

## Aos leitores do jornal

Faço saber aos leitores do nosso jornalsinho, que pedi ao Snr. Padre Américo para ir estudar, e por resposta, disse que se havia de ver. O tempo foi passando, até que um dia, me deu a escolher. Perguntou-me e que queria ser, e deu-me a escolher, por fim quiz o curso comercial. Num dia dos últimos de Agosto, fui-me matricular, na Escola Mousinho da Silveira. Quando abrirem as aulas, vou para o Pôrto e fico em casa dum Senhor, que também tem os seus filhos, a estudar. O meu desejo e o do Snr. Padre Américo, é que, quando começar a estudar, me porte bem.

E isto tudo agradeço ao Snr. Padre Américo. Depois, não delxo de vender o nosso «Gaiato». Nes dias em que êle sair, vou ter junto dos meus camaradas como de costume.

## ...DE COIMBRA

Numerosos turistas da Louzã tem feito da visita à Casa do Gaiato, um número obrigatório do seu programa. Uns passam palavra a outros e as visitas sucedem-se constantemente. A maravilha da ressurreição dos gaiatos é, na boca deles, como a notícia da Ressurreição de Cristo na boca de Madalena. O bilhete que deixam à saída, é indecível de seguro de que o espectáculo lhes agradou. Não trabalhamos para que o mundo veja, e talvez por isso mesmo, a luz que desta Obra irradia, vai-se propagando até aos confins do Alentejo e Algarve: *que pena! nós lá para o sul não temos nada disto!* Ver para acreditar foi a norma de Tomé. Ele sempre é mais seguro; mas menos meritório.

—Visitantes de Almeirim deixam um cartão de visita no valor de 50\$; do Alentejo 270\$00 mais 20\$00 para a Conferência dos Gaiatos; de Chão do Couce 200\$00 para os que fazem anos em Outubro: Recebi a fotografia. Obrigado. Se não fosse este Senhor os anos dos nossos Gaiatos passariam despercebidos. —De um prelado visitante 50\$ e 100\$ dum zeloso pároco. Outros visitantes deixaram 5\$, 50\$, 10\$, e mais 5\$00.

—As Colónias de Férias terminaram; vinho, fruta, legumes e 200\$00 vieram pôr-lhe ponto final.

Pela primeira vez, fui lançar a rede à gente das praias. Moedas pequenas e notas grandes, abafaram por momentos, ao cair na bandeja, o ruído das ondas que se desfaziam de encontro ao forte de Santa Catarina. 1.385\$00. A Obra da Rua precisa de prégadores; fala por si mesma.

—O carteiro por sua vez, trouxe uma carta da Figueira com 100\$00 e do mesmo sitio outra com 5\$00 mensais, dum pobrezinho que foi à missa ao Forte e tem pena de não poder dar mais. De Caldas da Rainha 20\$00; de Seia, 100\$00; de Galiza, 20\$00 e da mesma terra, uma vitela que vem elevar para seis o número das cabeças do rebanho do «Bucha».

—Na Gráfica um estudante depositou alguns livros que se agradecem e no mesmo sitio um embrulho com roupas usadas e mais roupas, no Hospital.

Principiou o outono. As árvores despedem-se das suas folhas que vão cobrir as tristes ervas escondidas na orla dos valados. Quem dera que as roupas inúteis na casa dos remediados aqui viessem cair, para proteger, durante o inverno que se anuncia, o corpo dos pobres farrapos da Rua.

Já aqui chegaram numerosos pedidos, que retransmito fielmente.

# Carta de Lisboa

## A Casa do Ardina



Capela da Casa de Miranda. Mimo dos gaiatos e riqueza do povo da terra. Custou sessenta contos e quê.

«E' na luta do dia a dia, que a «Casa do Ardina» ensina ardinas a vencer na vida.

De regresso a Lisboa e à «Casa do Ardina», é com o coração cheio de alegria, que te vimos contar as consolações e tristezas que tivemos.

Ao entrar a porta, notamos logo que a pequenina colmeia ardina estava em plena actividade.

O Armando e o «Juca» surgem-nos cheios de cera e ágarrás, até à ponta do nariz, e fazem-nos ver envaidecidos o lustro da escada, que fôra puxado por eles...

O Sérgio quer levar-nos ao pátio, que até parece ter sido lavado com escova e sabão... E assim por diante...

«A «Casa» está linda, linda!...» não nos cansamos de dizer, mais contentes com eles, do que com ela ainda!...

O Raul e o Adelino toimam em levar-nos ao sótão para vermos a pequenina séde da secção deles da J. O. C.

Na nossa ausência fizeram obras, pintaram as paredes, onde todos teem agora o cuidado de não tocar nem com um dedo... «Se deu tanto trabalho a pintar!...»

Presos de alma e coração à sua «Casa!... Consolações e mais consolações!...

E toca de darem as notícias da última hora:

O Carlos Diamantino está no Hospital com uma doença de rins, coitadinho... Vão visitá-lo, levam-lhe presentes, e contam comovidos como a dieta lhe custa a suportar a ele que é o mais comilão da «Casa!... (um dia teve uma indigestão, Zangamo-no, por ele ter comido demais, e explicou-nos: «Não foi demais, minha senhora, comi só cinco pratos de sopa e quatro do conduto). O Fernando Mário foi para o Pôrto e ficou a dever 30 «Gaiatos!... Esperemos o regresso...

O Manuel Tomé partiu o espelho da casa de banho e teve um grande desgosto com isso...

Em compensação o Joãozinho partiu três pratos e não se preocupou, «pois não teve culpa de escorregar... E fala-se da venda do «Gaiato». O João Dias que tem sido um dos campeões na venda, declara-nos desanimado: «Nunca mais vem lá a falar de mim... Rimos e prometemos que falaríamos quando soubessemos que ele não grita, nem questiona com os outros...»

E como fôram todos unânimes em dizer que o João Dias está cada vez melhor, não nos cansamos de falar dêle como vês.

Chegamos a um dos pontos importantes, embora não seja aquele que mais nos preocupe, tal é a confiança que temos em que seremos sempre ajudados: — Donativos? «Pouca coisa»... diz-nos o António desconçolado. Valeu-nos o ter sobejado da «Colónia de Férias, senão... nem chegava!...»

Fomos ver o «Registo» e... quasi demos razão ao António...

Dia 1:—Nada, para começar... 2:—de dois visitantes garotos: 2 pares de pinguas; 3:—Outra vez: nada!... 4:—da senhora do costume, que não sabemos quem é, tantas «costumam dar»... uma lata de bolachas e 3 pacotes de bolos; do fotógrafo das «Novidades»: lápis, canetas, borrachas; 5:—Outro silêncio, que se prolongou até 8:—Atravez das «Novidades»: 50\$00; do Grémio da Imprensa Diária: 100\$00; 9 e 10:—Nova paragem... 11:—Uma senhora titular mandou-nos 10\$00 e um anónimo trouxe-nos 100\$00. 12 e 13:—Novamente o ardinas foram esquecidos... 14:—Da Ordem Terceira de S. Francisco a Jesus: 20\$00; 15:—Nada! 16:—Dos filhos duma Amiga do Lar: 50\$00; 17:—Em branco... 18:—Da Direcção da Revista «Stellas»: um lindo album para as fotografias da «Casa». 19:—Duma estância de madeiras: madeira para a oficina!...

e um: «quando fôr preciso, mande buscar mais»... De 20 a 28 — Ficamos a dar graças pelas generosidades passadas e a pedir... futuras!... 29:— Da Albandra mandaram-nos: 56 pês e 9 maçãs a sobremesa; do Sindicato dos Vendedores de jornais: 50\$00. 30:—Dum sacerdote que veio visitar a «Casa»: 10\$00; duma Amiga do Lar de Arroios: 15\$00, um pacote de massa e sabão... Terminou assim o mês de Setembro...

Começamos Outubro sem nada, ou pouco mais do que nada...

Mas não nos assustamos como o António, descansa, pois...

Confiamos em que há-de «chegar sempre!...»

Vamos mesmo aumentar as despesas, certas de que elas serão cobertas pela generosidade de todos, pois devemos abrir dentro em poucos dias mais uma oficina...

A «Casa do Ardina» vence sempre, ensinando-nos a vencer, sabes?...

MARIA LUÍSA.

A Venda do número 16

Os de Entre-rios chegaram muito a batidos. Venderam pouco: estava pouca gente. Tem infinita graça observar como estes adoráveis garotos fazem sua a boa ou má hora do negócio que se lhes confia. Andaram tristes todo o dia, o Julio mai-lo o Augusto: —não estava ninguém.

Os de Paredes, escoraram a média; venderam 50 números e 2 colecções

do nosso livro; e fizeram um grande naris aos infelizes de Entre-os-Rios; —olha os anjinhos!

Na Invicta venderam seis gaiatos. O Zé Eduardo vendeu 63 jornais, 1 Pão dos Pobres, trouxe encomenda de mais dois, trouxe 32\$00 de acrescimos e deu senhas da Legião a garotos da rua, como ele já foi também. O Oscar vendeu 100 Gaiatos, 1 colecção do nosso livro, trouxe 26\$00 de acrescimos e deu de comer aos catraios. O Amadeu vendeu outros tantos Gaiatos, também 1 colecção, trouxe um novo assinante e 22\$00 de acrescimos e deu senhas. O João despachou 82 exemplares e 1 volume do Pão dos Pobres e entregou 22\$00 e distribuiu senhas.

O Julio vendeu 100 jornais e 1 colecção e 70\$00 de acrescimos e 3 assinantes novos e deu de comer e recado de mais uma familia que lhes quer dar almoço. O Augusto vendeu 45 gazetas e 1 Pão dos Pobres e deu de comer e trouxe 14\$00 de sobras. Eles já descobriram que a malta da rua procura engana-los, na questão das senhas, mas encostam-se a má parede! Os nossos também são mestres.

Declararam, com suprema alegria, que já entram em quasi todos os Cafés da cidade, a vender.

Sei de um senhor que deu 2\$50 e entregou o jornal:

—Não quero.

—Não senhor. O que nos interessa não é o dinheiro; é mas é que o senhor comece a nossa obra.

E o senhor leu e é hoje assinante.

Mais sabemos de outro que disse ao Julio: —bota lá isso no livro! Recebeu resposta tão serena e tão atinada, que comprou o jornal. E talvez venha a ser um amigo da obra.

### PASTORES DE OVELHAS

JÁ temos uma vitelina. Tem sido muito visitada e admirada. Esperam-se mais duas dentro de breves dias. A que está e as que hão-de vir, fazem cá em casa a nota do dia. As recentes nomeações incluíram os dois Valdemar, um do Pôrto e outro de S. João da Madeira, para o cargo de pastores. Pois logo tiveram de ser demitidos; tinham medo das ovelhas!

## ORA ESCUTA:

Nós pedimos ao Ministro da Educação Nacional a criação de Postos de Ensino nocturnos nas nossas casas, além das escolas diurnas que temos.

O pequeno vadio que chega tem, geralmente, de ser submetido ao trabalho. Não há outra salvação para êle. Segue para o campo na companhia dos mais e à noite, frequenta a escola. Não é uma violência à creança. Não são maus tratos. E' desejo de salvar naufragos. Eles teem de ocupar tôdas as horas de trabalho em trabalhos. E' remédio de aplicação urgente.

Se êles mesmo se não prendem a esta rede, é certo que regressam a vadiagem.

Ora muito bem. Temos já o material escolar. Veio de Freamunde. Custou dois contos e seiscentos. Ainda se não pagou a factura, nem pago, por enquanto, só para ver o que tu fazes!... Era um lindo gesto. A Pátria ficaria agradecida. Foi sempre timbre de portugueses, mandar ou ajudar a fazer escolas para portuguezes.

## OUÇAM O Pedro da Figueira

Como eu vim para a «Casa do Gaiato» e o que fiz antes de para cá vir. Eu quando o padeiro ia levar o pão a um andar eu ia ó cêsto tirar uma carcaça e ia comê-la escondida na praia. Eu quando ia ao mercado mais os meus companheiros, eu punha um pé em cima de um melão e dava-lhe um chuto para trás para os meus companheiros o apanharem. Eu quando sentia apitar os barcos da eardinha ia logo a correr para a praia e depois de roubar muita sardinha levava alguma para casa e o resto vendia e depois levava algum dinheiro a minha mãe e guardava algum para alugar uma bicicleta e eu quando via alguém da minha familia cada vez corria mais. Eu também ia para a a porta da tourada ver se entrava e às vezes lá conseguia entrar e ficava muito contente de estar lá dentro. Eu quando via o toureiro espetar uma farpa ó boi eu até dava saltos e eu gostava muito de ver agarrar à unha. Eu quando sentia apitar as barcas ia ver se era o arrastão para roubar arraias e enterra-las na areia ao pé dum barco para depois vendê-la. Eu quando ia mais os companheiros ia ó figos e depois ia ó banho e os meus companheiros punham-me debaixo da água e eu gritava e tinha muito medo e depois pouco a pouco perdia o medo e já me atirava da ponte abaixo e agora já sei nadar e eu quando ia ó banho à praia punha a roupa à borda do mar para quando viesse o cabo do

mar e pegava nela e fugia para o forte de Santa Catarina para baixos penedos para me vestir e eu quando estava vestido ia pedir esmola de barraca em barraca. Quando eu via o marujo fugia para os casinos para pedir também um tostãozinho. Quando eu via algum policia eu fugia para ver se não era agarrado e fugia para o pé do mercado para pedir algumas uvas e algumas maçãs e às vezes era corrido dos guardas e depois ia para a praia comer o que arranjava. A's vezes quando tinha muita fome ia pedir de porta em porta. Agora estou na Casa do Gaiato onde há saúde, alegria e conforto. Bem hajam todos os amigos da Casa do Gaiato. Eu sou da Figueira da Foz e chamo-me Pedro João Sá Lebre.

Esteve muitos meses sem obrigação, sentado ao sol, a curar inúmeras feridas que o consumiam; e com alimentação cuidada. Arribou. E' hoje refeitoreiro. Tem merecido ir vender o Gaiato à Figueira.

Chamam-lhe o Rádio, por falar muito e falar sempre. A carta dêle é, até, uma das maiores que tem aparecido.

Já estava eu recolhido no quarto, quando oigo bater à porta.

— Quem é?  
— Sou eu.  
— Eu quem?  
— O Rádio.  
— Abre.

Abriu. Disse-me que tinha mais coisas para me dizer e se podia acrescentar a carta!

— Oh rapaz; deixa-me dormir!